



Aquela noite

Nunca ouvi Tom Jobim ao vivo. Em 1981, poderia ter ouvido, em Belo Horizonte mesmo. Mas fui honrar o compromisso de tocar num boteco. Hoje o boteco já fechou, Tom Jobim já partiu, não ficou nada, a não ser um certo arrependimento.

Talvez não importe tanto ver o ídolo. Não vi Elis Regina, nem um monte de gente. Certa vez fui a um show de Bob Dylan e não agüentei a chatice de suas "releituras". "Ver" Bob Dylan não melhorou minha relação com sua arte.

Já vi João Gilberto, já vi Charles Mingus. Também não foram shows que mudaram as coisas para mim. Tenho um amigo que assistiu à apresentação dos Beatles no *Ed Sullivan show* pela TV, nos Estados Unidos. Era o início de uma revolução. Ele não ligou muito. Nem sabia quem eram aqueles caras e na época estava ligado era em João Gilberto. Acho legítimo. Ele tentou prestar atenção na música, e não no nome.

Parece que há um momento especial na carreira de um artista, um ponto no tempo, o qual vale a pena presenciar. José Domingos Raffaelli, o crítico de jazz, já viu Thelonius Monk e John Coltrane juntos (além de toda a constelação de grandes nomes do jazz, inclusive Charlie Parker), em Nova York, 1957. Nada mal, hein?!

Houve um show dos Rolling Stones em Londres, em 1969, com Mick Taylor no lugar de Brian Jones. Gostaria de estar lá. É a cristalização de uma época, de uma filosofia, de uma cultura viva e intensa, no calor da hora. Como um show de Elis e Baden no Rio de Janeiro, em 1965, que outro amigo presenciou.

O show de Tom Jobim, para nós que não vimos e para os poucos que lá estiveram e querem lembrar, está sendo apresentado em disco pela parceria Jobim/Biscoito Fino. No repertório *Por causa de você*, *Retrato em branco e preto*, *Água de beber*, *Águas de março* e outros clássicos. Não será o disco mais importante do mestre, com certeza. Pode interessar mais aos músicos, pois trata-se de Tom, seus acordes, sua música da maneira mais despojada.

Parece que há um momento especial na carreira de um artista, um ponto no tempo, o qual vale a pena presenciar

No olho do furacão

Falando em calor da hora, fui lá no Lapa Multishow ver Os Racionais. Ritmo e poesia. Conscientização e diversão, como uma das músicas anuncia.

Horário difícil: os caras só tocam das três em diante. Mesmo assim fui ver os artistas mais importantes do momento, no calor da hora. O show foi aberto pela banda Hosana Bronks. Já estava bom.

Troca-se o DJ. Entra KL Jay, o DJ dos Racionais, que coloca um funkezinho pop. Espera. Os Racionais entram. Explosão. Cumplicidade artista/público até a última música, *Vida loka parte 2*. O show é de uma intensidade impressionante, mesmo para mim, que não conhecia as letras.

Para acompanhar Caetano e Bob Dylan, entrei no mundo da letra. Para acompanhar Miles, João Gilberto, Chopin, tive de sair desse mundo. Para seguir os Racionais é preciso voltar. Sem problema, tudo vale a pena se a alma não é pequena, já dizia aquele rapper de Lisboa.

Racionais estão no olho do furacão exatamente por serem a voz mais potente da periferia. Tudo que interessa à maioria excluída, negra e pobre, está no seu discurso. Radiografia visceral do País, que não perde nada: o esfacelamento das grandes cidades, o *apartheid* social, a crise dos valores, o materialismo doentio bem como as aspirações materiais dos abandonados, o crime e a violência, a necessidade de religião como em Dylan. Só que, ao contrário da classe média, retratada por Cazuza (outro grande artista da palavra), os Racionais têm um foco, uma ideologia. Atuam pela dignidade, pela emancipação dos brasileiros pobres, pretos ou mulatos em sua maioria. Não são os primeiros e únicos, nem pretendem. Outras vozes de resistência se juntam às suas, dentro e fora do rap. Trata-se do fenômeno musical-cultural-político-social mais importante do País, no momento.

Através da batida, a palavra reina soberana. Cultura oral em sentido pleno. O balanço não pode ser descartado, a diversão é tão importante quanto a informação. Mas a estrela é a palavra.